



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

YEDA DE OLIVEIRA ALVES TEIXEIRA

Antes mesmo de nascer

Como o racismo no parto se manifesta em dupla violência contra mulheres negras no Brasil

Florianópolis

2021

Yeda de Oliveira Alves Teixeira

Antes mesmo de nascer

Como o racismo no parto se manifesta em dupla violência contra mulheres negras no Brasil

Relatório de Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Leslie Sedrez Chaves

Florianópolis

Setembro de 2021

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC

ANO	2021.1						
ALUNO (A)	Yeda de Oliveira Alves Teixeira						
TÍTULO	Antes mesmo de nascer: Como o racismo no parto se manifesta em dupla violência contra mulheres negras no Brasil						
ORIENTADORA	Leslie Sedrez Chaves						
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso					
	<input type="checkbox"/>	Rádio					
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo					
	<input type="checkbox"/>	Foto					
	<input checked="" type="checkbox"/>	Website					
	<input type="checkbox"/>	Multimídia					
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica					
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional					
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)					
	<input type="checkbox"/>	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 30%; border: none;">Produto Jornalístico (inteiro)</td> <td style="border: none;">Local da apuração:</td> </tr> </table>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:			
	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:					
<input checked="" type="checkbox"/>	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 30%; border: none;">Reportagem</td> <td style="border: none;">() Florianópolis (X) Brasil</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">Livro-reportagem</td> <td style="border: none;">() SC () Internacional</td> </tr> <tr> <td style="border: none;"></td> <td style="border: none;">() Região Sul País _____</td> </tr> </table>	Reportagem	() Florianópolis (X) Brasil	Livro-reportagem	() SC () Internacional		() Região Sul País _____
Reportagem	() Florianópolis (X) Brasil						
Livro-reportagem	() SC () Internacional						
	() Região Sul País _____						
ÁREAS	Jornalismo. Saúde. Violência Obstétrica. Sociologia. Gestação. Racismo.						
RESUMO	<p>O presente Trabalho de Conclusão de Curso é uma grande reportagem sobre a violência obstétrica contra mulheres negras no Brasil. Analisando os dados atualmente disponíveis, observa-se que esse grupo social é predominantemente violentado por ser transversalizado pelas questões de gênero e raça, simultaneamente. O objetivo geral desta reportagem é compreender e explorar como é ser uma mulher, negra e gestante no Brasil, partindo da hipótese de que são as mais afetadas pela violência obstétrica e tal violência pode se fazer presente em todas as fases, desde o momento da concep�o ao pós-parto e, inclusive, situa�es de aborto espontâneo ou provocado.</p>						

AGRADECIMENTOS

Sei que cheguei até aqui pela força e amor de todos vocês. Aos meus ancestrais que descansam no colo das Yabás, vó "Neném" e vó Vicência, que trouxeram para minha família a inspiração de garra e coragem. Meu vô Antônio, que se dispôs por tantos anos a sentar e me contar as histórias da sua vida no Ceará.

Agradeço a minha família. Mãe, obrigada por me ensinar que nessa vida é preciso ser feroz, mas sem perder de vista o afeto. Pai, que honra ter um homem tão generoso, presente e amoroso como exemplo de que é possível ser melhor. Obrigada por me apoiarem e sempre me perguntarem como estava, de verdade.

À Yaya, minha irmã, uma das mulheres mais audaciosas que conheço. Obrigada por me mostrar que era possível alcançar lugares que considerei impossíveis. Por me ajudar a reconhecer minhas conquistas, por me ensinar a contestar a vida e ousar transformar o mundo, mesmo que esse mundo seja o meu.

Agradeço especialmente às minhas amigas-irmãs, Lívia Tokasiki e Sofia Dietmann, com quem compartilho as mais gostosas risadas. Essas duas me ofereceram denço quando pensei em desistir, abraçaram minhas conversas (por vezes sem sentido algum) e me ensinaram o valor do amor na amizade.

À Maria Heloísa Vieira, uma amiga que me mostrou a beleza e majestosidade de ser uma mulher negra empoderada. À Letícia da Silva, Luísa Michels e Lavínia Kaucz, carrego no peito um amor enorme pela companhia de vocês na graduação. À Luna Mariah, Daniela Müller e Giuliana Arruda, por me mostrarem um lado da vida mais leve.

À meu ex-supervisor de estágio e amigo, Jussie, que mostrou o que é ética, profissionalismo e empatia no trabalho com a comunicação. Obrigada por ter visto na minha curta trajetória profissional algo que eu ainda não enxergava.

Ao meu amigo, Gabriel Albertini, que mesmo a 840 km de distância me trouxe aconchego e força. Ele que me acompanha há 13 anos nessa vida, me fez companhia nos aprendizados que me construíram como ser humano. Obrigada, Ga, por ter permanecido.

À minha psicóloga, Bruna Gilvana Pereira, que me amparou emocionalmente, me auxiliou nas durezas da vida e esteve ao meu lado nestes últimos anos. De forma ativa e consciente, a

Bruna sempre ressaltou a importância do cuidado mental para uma boa saúde da população negra.

Agradeço ao Departamento de Jornalismo, que me proporcionou a expansão dos conhecimentos e confirmou minha paixão pela profissão. Em especial, à minha orientadora, Leslie Sedrez Chaves, a primeira professora negra do Curso de Jornalismo, que me acompanhou durante todo o percurso da graduação e me mostrou a grandeza da representatividade, da luta e da força.

Obrigada a todas as entrevistadas que aceitaram revisitar memórias dolorosas e abriram um lugar tão íntimo para que eu pudesse escrever a reportagem. Obrigada por confiarem em mim e me mostrarem lados da vida que não conhecia.

Por último, agradeço aos meus professores e colegas de curso. Sei o quanto todos agregaram com aspectos da vida e da profissão nesses últimos anos. Aos membros da Universidade Federal de Santa Catarina, que lutam incansavelmente pela permanência e melhoria de um ensino público de qualidade e acessível. Sabemos que a luta é longa e árdua, mas é preciso continuar para que mais pessoas negras, indígenas e pobres tenham a garantia do direito à educação.

*“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e
saiba pelo menos de onde vens”*

Provérbio Africano

RESUMO

Este Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso aborda a produção de uma grande reportagem sobre a violência obstétrica contra mulheres negras no Brasil. Analisando os dados atualmente disponíveis, observa-se que esse grupo social é predominantemente violentado por ser atravessado pelas questões de gênero e raça, simultaneamente. O objetivo geral desta reportagem é compreender e explorar como é ser uma mulher, negra e gestante no Brasil, partindo da constatação de que as negras são as mais afetadas pela violência obstétrica e tal violência pode se fazer presente em todas as fases, desde o momento da concepção ao pós-parto e, inclusive, situações de aborto espontâneo ou provocado.

Palavras-chave: Jornalismo. Violência Obstétrica. Mulher negra. Gestação. Racismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. JUSTIFICATIVA.....	11
2. DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DO FORMATO.....	13
3. PROCESSOS DA APURAÇÃO.....	15
3.1 Pré-Apuração.....	15
3.2 Apuração.....	15
3.2.1 Fontes: Mulheres negras e mães.....	16
3.2.2 Fontes: Enfermeiras.....	16
3.4 Site.....	17
3.5 Ilustração.....	18
4. DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	20
5. RECURSOS E ORÇAMENTO.....	22
REFERÊNCIAS.....	23
ANEXO - Declaração de Autoria e Originalidade.....	25

INTRODUÇÃO

Passaram-se 500 anos desde que famílias negras, arrancadas do continente africano, chegaram ao Brasil em direção à história mais violenta do país: a escravidão. Mães, pais e filhos, separados pelo trabalho forçado nos campos de plantação ao redor do Brasil, tiveram que lidar com a ausência e desestruturação do núcleo familiar.

Cinco séculos depois, a população negra ainda colhe mazelas desse período que deixou cicatrizes profundas em diversas gerações. Em especial, a mulher negra, transversalizada pelas violências de gênero e raça, foi forçadamente colocada em um local de subalternidade e discriminação não antes conhecido em países da África.

Ao retirar famílias negras de todo o continente africano, a estrutura familiar da região, muito diferente da europeia, sofreu transformações durante a colonização. Essa situação de extrema violência contra a população negra sobrecarregou principalmente as mulheres. “O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão.” (NASCIMENTO, 2016, p. 73)

Entre todas as agressões de cunho racial que necessitam ser abordadas, o presente Trabalho de Conclusão de Curso aborda a violência obstétrica. O termo visa a: “identificação de qualquer ato de violência direcionado à mulher grávida, parturiente ou puérpera ou ao seu bebê, praticado durante a assistência profissional, que signifique desrespeito à sua autonomia, integridade física e mental, aos seus sentimentos, opções e preferências” (LANSKY et al., 2019, p. 2812)

O estudo “Nascer no Brasil: Pesquisa Nacional sobre Parto e Nascimento” realizou uma investigação nacional em 266 hospitais para entender quais as características da gestação no país. Com base na resposta de 23.894 mulheres puérperas, constatou-se que mulheres negras estão mais vulneráveis à sofrer com a violência obstétrica, prevalecendo em quantidade nos diagnósticos de depressão pós-parto, baixo acompanhamento médico no pré-natal e direito a acompanhante durante o parto. (FERREIRA, 2018, p. 10)

Para a melhor compreensão do tema, faz-se necessário abordar a qualidade de saúde da população negra e o acesso a serviços. A reivindicação pela atenção à essa parcela majoritária da população tem início no século XX, quando os movimentos negros organizados passaram a se manifestar contra as desigualdades sociais dos negros.

Mesmo com as mudanças institucionais que, em tese, garantem o acesso igualitário para toda a população brasileira, observa-se que, na prática, existem características predominantes que colocam o grupo em desvantagem.

Fatores como racismo, sexismo e condições socioeconômicas e culturais constituem eixos estruturantes que atuam de forma articulada, afetando a garantia de acesso universal e equitativo à saúde. O acesso, embora não seja o único fator responsável por uma vida saudável e de boa qualidade, contribui para manter um bom estado de saúde ou para seu restabelecimento, pois refere-se à utilização dos serviços e insumos. O racismo institucional é referido como uma barreira ao acesso aos serviços de saúde preventivos para mulheres negras. (SILVA et al, 2019, p. 05)

Com base nessas constatações e sendo a obstetrícia uma área de atendimento inclusa no campo da saúde, percebe-se que as situações de desamparo e violência baseadas nos eixos de raça, gênero e classe afetam diretamente as mulheres negras. Assim, busquei nortear o presente trabalho sob dois questionamentos: somos violentados pelo racismo antes mesmo de nascer? E nossas mães, o que enfrentaram para nos parir?

1 JUSTIFICATIVA

Infelizmente, são muitas as notícias sobre mulheres vítimas de violência obstétrica. Me intrigou, porém, porque as notícias que lia relatavam majoritariamente a violência em mulheres brancas. Sabemos que mais da metade da população brasileira é negra, o grupo mais afetado pelas desigualdades socioeconômicas (IBGE, 2019), então não seria proporcional que a maioria das vítimas fossem mulheres negras?

Partindo desse questionamento, busquei dados que me confirmassem ou negassem essa dúvida. Não foi surpreendente constatar que a maioria das mulheres vítimas de violência obstétrica eram, sim, negras. Partindo dessa afirmação, não pude deixar de pensar em mim, na minha mãe, avó e em todas as ancestrais que me guiaram até aqui.

Eu, uma mulher e negra, não nego a história de violência que meu povo foi submetido. Por este mesmo motivo, busco com a comunicação elucidar um tema pouco explorado. Vejo que falar sobre a violência obstétrica contra mulheres negras é necessário, não somente porque acredito que precisamos de visibilidade sobre nossas dores, mas também pela possibilidade de que outras mulheres percebam como o racismo as afeta, até mesmo no momento em que deveriam ser tratadas com humanidade.

Angela Davis, filósofa e ativista do movimento negro nos Estados Unidos, descreveu em seu livro “Mulheres, raça e classe” (1981) como a escravidão influenciou para que estigmas e violências privassem homens e mulheres negras de viver os direitos sexuais e reprodutivos.

A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “**reprodutoras**” – animais cujo valor monetário podia

ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (DAVIS, 1981, p. 25).

Apesar de no Brasil a escravidão ter oficialmente acabado em 1888, os efeitos devastadores deste momento da história são sentidos até os dias de hoje. Situações como a citada por Davis, estimulam questionamentos importantes sobre como a escravidão afetou os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e homens negros.

Entende-se por direitos reprodutivos o:

Direito das pessoas de decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos desejam ter e em que momento de suas vidas. Direito a informações, meios, métodos e técnicas para ter ou não ter filhos. Direito de exercer a sexualidade e a reprodução livre de discriminação, imposição e violência. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009, p. 04)

Vale ainda definir o conceito de direitos sexuais, já que este se relaciona diretamente com o primeiro. Sendo assim, o direito sexuais é:

Direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminações e imposições e com respeito pleno pelo corpo do(a) parceiro(a). Direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual. (...) Direito de escolher se quer ou não quer ter relação sexual. Direito de expressar livremente sua orientação sexual: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, entre outras. Direito de ter relação sexual independente da reprodução. Direito ao sexo seguro para prevenção da gravidez indesejada e de DST/HIV/AIDS. Direito a serviços de saúde que garantam privacidade, sigilo e atendimento de qualidade e sem discriminação. Direito à informação e à educação sexual e reprodutiva. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009, p. 04)

Há ainda de se contextualizar que com a proibição da escravidão ao redor do mundo, escravocratas do Brasil adotaram a medida de reprodução forçada. Nesse período, as mulheres negras escravizadas eram submetidas à concepção forçada com a finalidade de gerar manutenção da mão de obra escrava. Como cita Beozzo, para isso eram selecionados homens

negros escravizados que possuíam o perfil “alto, musculoso, de canelas finas, “bom de trabalho”, como se dizia.” (BEOZZO, 1992, p.88)

Com a instituição da Lei de Ventre Livre, implementada em 1871, dizia que toda pessoa negra nascida de mulheres negras escravizadas a partir daquela data era livre. Contudo, atualmente este processo é tido por pesquisadores como uma farsa, já que os negros libertos deveriam trabalhar para os senhores de engenho até completar 21 anos. Assim, se manteve a mão de obra escravizada até o período em que foi oficialmente declarado o fim da escravidão.

2 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DO FORMATO

Para expor e refletir sobre a violência obstétrica contra a mulher negra no Brasil, busquei entrevistar enfermeiras e doulas com estudo e trabalho sobre negritude e/ou gestação e experiência em estados brasileiros. Além dessas especialistas, também entrevistei três vítimas de violência obstétrica, sendo duas de Santa Catarina e uma de São Paulo.

Para conseguir lidar com o volume de dados e relatos, optei por fazer uma grande reportagem em formato de texto. A princípio, a ideia era produzir uma reportagem literária, mas dada a complexidade do tema, decidi mesclar uma linguagem tradicional com elementos de crônica.

Para facilitar a visualização e leitura, a reportagem foi diagramada em site por mim, com a distribuição dos dados em formato de infográfico. O objetivo era não deixar a leitura cansativa com o volume de números. Assim, a reportagem foi roteirizada para acontecer da seguinte maneira:

- 1) Introdução ao tema e relato pessoal: A primeira parte intitulada “A coragem de existir” é uma breve introdução ao tema e os motivos que me levaram a falar sobre o assunto. Essa introdução foi pensada para manter a transparência com leitores, pensando que sou uma mulher negra e busquei falar sobre o tema em uma perspectiva histórica e ancestral.
- 2) Início: Antes mesmo de nascer é o começo da reportagem, em que explico o que é violência obstétrica e como atinge mulheres negras majoritariamente. Para isso, usei relato de uma vítima e dados oficiais sobre o conceito de violência obstétrica. Para

elucidar quem está lendo, busquei trabalhar com box em nomes que podem ser desconhecidos para as pessoas.

- 3) “Parindo nada, ela está fazendo escândalo”: A terceira parte da reportagem é uma análise estatística e testemunhal da deslegitimação da dor do corpo negro como agravante de violência obstétrica para mulheres negras. Nesse tópico, são expostos dados históricos sobre a dor e ginecologia, o relato da enfermeira e doula Juliana Souza e dados sobre mortalidade materna no Brasil.
- 4) “Racismo dissimulado”: O título da quarta parte da reportagem refere-se à percepção de pesquisadores sobre como o racismo institucional atua no agravante de violência obstétrica. Busquei aqui abordar o racismo institucional, racismo estrutural e como as vítimas possuem dificuldades de identificar o racismo na violência obstétrica. Diferente do que pode-se pensar, o racismo institucional não é caracterizado, necessariamente, por discriminação individual.
- 5) “Humanidade para quem?": Essa parte, uma das que considere mais delicadas, busca elucidar sobre os benefícios do parto humanizado, mas contrapondo sobre como a humanidade é vista para mulheres negras. Baseado nas percepções da entrevistada Juliana Souza e de uma das vítimas, busquei trazer um aspecto pouco explorado sobre um parto humanizado transformado em protocolos e não humanização.
- 6) Corpo de sabedoria: Para a finalização, busquei associar uma perspectiva de parto humanizado para mulheres negras, resgatando sabedorias tradicionais e relações com a cultura afro-brasileira (expressa na religião). Pela sensibilidade do tema abordado aqui, busquei mudar para uma linguagem mais literária e com simbolismos.

Inicialmente, mantive contato com uma mulher quilombola, da qual gostaria de receber um relato sobre o parto no quilombo e mostrar a ancestralidade a partir de uma perspectiva mais literal. Infelizmente, durante os últimos quatro meses ela enfrentou problemas pessoais e não pôde ser entrevistada. Respeitando seu momento, decidi cancelar essa parte da reportagem. Entendo que é uma lacuna a ser preenchida, dado que o relato do nascimento no quilombo poderia ser enriquecedor ao tema. Isso não me impede de buscar futuramente completar a reportagem.

O formato foi escolhido pela minha proximidade com o texto. Apesar de desejar fazer como um produto multimídia, percebi na concepção do projeto que por se tratar de algo

delicado, teria dificuldades de encontrar mulheres que aceitassem serem filmadas ou gravadas. Percebi também que não teria tempo o suficiente para produzir um material mais robusto e completo.

Por fim, o título, como explicado na introdução do trabalho, parte de uma reflexão pessoal de que a violência nos cerca antes mesmo de nascer. Por ser um título subjetivo decidi completar com a linha fina que explicava sobre o tema, um recurso importante do jornalismo.

3 PROCESSOS DA PRODUÇÃO

3.1 PRÉ-APURAÇÃO

Quando iniciei o Projeto do Trabalho de Conclusão de curso, tinha a ideia de percorrer as regiões do interior da Bahia com a estudante Sofia Dietmann. Com a pandemia da Covid-19, declarada no início de 2020, precisamos adiar o projeto e decidimos então seguir percursos separados. Pela necessidade de mudar o tema, decidi então produzir uma revista sobre sexualidade, onde uma das sessões era uma reportagem sobre violência obstétrica contra a mulher negra.

Me encantei com a possibilidade de falar sobre o tema e percebi que uma grande reportagem seria mais ideal, tanto em questões de prazo quanto de profundidade. Assim, mudei novamente o projeto para a reportagem do presente trabalho. Com a leitura de artigos, outras reportagens já produzidas e livros sobre raça e gênero, iniciei a estruturação e produção no segundo semestre de 2020, que ocorreu oficialmente entre março e junho de 2021.

A pesquisa amplamente utilizada para a produção da reportagem, *Nascer no Brasil* (2013), foi importante pelo volume de dados colhidos. Um braço da pesquisa, intitulado *A cor da dor*, foi especialmente importante para compreender como o recorte de raça afetava mulheres no país.

Com os dados e pesquisa documental em mãos, iniciei a busca por fontes testemunhais sobre o tema. Percebi grande dificuldade de encontrar mulheres que estivessem dispostas a falar sobre o tema, o que me fez cancelar a disciplina para apresentar o trabalho pronto no primeiro semestre de 2021. Assim, consegui por meio de amigos e conhecidos, três mulheres que estavam disponíveis para relatar suas vivências na gestação, além de duas enfermeiras como fontes especialistas.

3.2 APURAÇÃO

A apuração do trabalho iniciou ainda em março de 2020, com a coleta de dados de órgãos públicos, como o documento *Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto*, sugestões a um parto positivo da Organização Mundial da Saúde e cartilhas do Ministério da Saúde. Após a leitura, parti então para as entrevistas com fontes testemunhais e especialistas.

Como obstáculo imposto pela pandemia da Covid-19, todas as entrevistas foram realizadas online e em chamada de vídeo, sendo algumas pela plataforma do Google Meet e

outras pelo Whatsapp. Priorizei a chamada de vídeo para garantir uma conexão maior com as entrevistadas.

3.2.1 Fontes: Mulheres negras e mães

Por partir de uma decisão pessoal de ocultar o nome das entrevistadas na reportagem, decidi colocar aqui seus nomes verdadeiros. Porém, continuo a optar pela preservação, sem mencionar seus sobrenomes ou características pessoais.

Nilda: Uma mulher negra, mãe ainda adolescente, Nilda sofreu violência obstétrica no primeiro parto. Nilda vivenciou agressões físicas e morais praticadas pela equipe profissional que a atendeu. Escutou ameaças de que mataria a filha no parto, sofreu o corte da episiotomia sem anestesia e foi insultada. Como as demais entrevistadas, ela não sabe reconhecer se o que viveu foi por sua raça, condição social ou idade.

Amanda: Sendo hoje uma pessoa conhecedora dos direitos e violências, Amanda foi uma entrevista pontual em afirmar que as violências cometidas contra ela no parto foram absurdas. Teve o último filho durante a pandemia e ressaltou a diferença ao poder pagar por um parto humanizado. Amanda, assim como Nilda, também era jovem quando teve o primeiro filho e estava sozinha.

Mirian: Mirian foi a última entrevistada para a reportagem. No parto da primeira filha, Mirian questionou o parto normal a qual foi submetida e trouxe um relevante questionamento sobre o parto humanizado. Um dos relatos emblemáticos dela foi sobre a cesárea, um procedimento que ela considera melhor e mais humano. Esse ponto trouxe questionamentos pessoais, que originaram a parte “Humanidade para quem?” desta reportagem.

3.2.2 Fontes: Enfermeiras

Juliana Souza: Após a coleta de dados na pré-apuração, iniciei as entrevistas entre junho e julho de 2020, iniciando com a enfermeira e doula Juliana Souza. Foi a partir dela que tive conhecimento sobre o caso racista de James Sims, pai da ginecologia moderna, além de ter acesso ao primeiro relato de violência obstétrica. Como apresentado na reportagem,

Juliana presenciou a violência obstétrica contra uma mulher preta enquanto trabalhava em um hospital público do estado de Minas Gerais. A entrevista foi realizada em dois dias diferentes, para que eu pudesse revisar informações que estavam faltando e avançar no relato da entrevistada.

Com o relato em mãos, parti em busca de documentos sobre James Marion Sims. Infelizmente, são poucos os documentos produzidos em português sobre a história do ginecologista. Tendo esse fator em vista, decidi então buscar materiais produzidos nos Estados Unidos. Encontrei como fonte documental um artigo produzido por uma médica negra estadunidense, em que ela levantou a historiografia do médico, trazendo novas informações sobre o caso.

Valdirene Martins: Cheguei a Valdirene a partir da indicação da orientadora, Leslie Sedrez Chaves, que me apresentou a página do *Instagram* “Ginecologia Ancestral”. Valdirene é enfermeira e atuou por muitos anos em grupos de gestantes em São Paulo. Durante a entrevista, ela me trouxe aspectos importantes sobre a noção de que o parto é algo natural e humano por si só e de que a conexão com a ancestralidade parte da percepção de que só é possível nascer através de um útero.

3.3 REDAÇÃO

A estruturação e escrita da reportagem sofreram alterações significativas ao longo do percurso. Inicialmente idealizei uma reportagem com informações em ordem cronológica da gestação, sendo os tópicos divididos entre primeiro, segundo e terceiro trimestre da gestação. Vi que não seria possível realizar desta forma, pois a maioria dos relatos me traziam a violência no momento do parto, sendo que todas as entrevistas afirmaram que o pré-natal foi realizado de forma positiva.

Assim, decidi separar os tópicos em (1) introdução a violência obstétrica; (2) a relação da dor como agravante da violência obstétrica para mulheres negras; (3) o racismo institucional e a percepção de racismo nas violências; (4) a humanidade de mulheres negras; e (5) o resgate e sabedoria ancestral. Tendo o material em mãos, optei por uma linguagem mesclada entre literária e tradicional.

Os dados coletados na apuração foram evidentes quanto à prevalência da violência obstétrica entre mulheres negras. Assim, decidi organizar a redação e diagramação do *site* concomitantemente, para que os dados estivessem destacados através de infográficos, um recurso importante da reportagem.

Outro ponto relevante para redigir a redação foi a leitura dos livros-reportagem *Todo dia a mesma noite*, da jornalista Daniela Arbex e o *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum. Ambos me ajudaram a encontrar recursos de escrita que trouxessem uma linguagem mais sensível para a reportagem. Também utilizei recursos de consulta para a questão ancestral, importante ponto do trabalho. Para tal, utilizei o livro *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi, que me conectou com os simbolismos que cercam a África e suas matrizes.

Optei por trabalhar com boxes explicativos, com a finalidade de complementar aspectos não explorados. Com a reportagem redigida, encaminhei para que a minha orientadora pudesse avaliar e apontar as melhorias. Assim, finalizei a redação, tendo em mãos a reportagem que entreguei para a banca examinadora.

3.4 SITE

Apesar do *site* não estar incluso na concepção do produto, decidi diagramar na plataforma *WIX* para que facilitasse e agregasse na leitura da reportagem. Assim, escolhi um template simples, dado o meu nível de conhecimento em diagramação online, e organizei para que cada subtítulo fosse apresentado em abas separadas.

3.5 ILUSTRAÇÃO

Tive o prazer de conhecer a Bianca Foratori na internet. Bianca é uma artista visual e tatuadora, que atua com os temas de ancestralidade negra e indígena. Ela, uma mulher negra, ilustra temas sobre ancestralidade e brasilidades.

Via e-mail, solicitei quatro ilustrações com cinco mulheres negras de diferentes características fenotípicas como cor da pele, tamanho corporal e traços. Sendo o valor cobrado acima do meu orçamento, decidi então solicitar duas ilustrações com as mesmas demandas, como mostra a figura (1).

Yeda Teixeira -yeteixeira04@gmail.com>
para bforatori

31 de mar. de 2021 18:50

Oi, Bianca. Como você está?

Já peço desculpas pela demora para entrar em contato e, principalmente, me desculpa se esse e-mail é confuso e longo.

Conversei com você pelo Instagram no meio de março sobre uma encomenda de ilustração para o meu TCC. Bom, vou te contextualizar sobre o tema e te mostrar umas artes suas como referência.

Eu curso jornalismo e meu TCC é uma grande reportagem sobre violência obstétrica contra mulheres negras no Brasil que divulgarei através de um site. O trabalho tem como objetivo mostrar como as mulheres negras gestantes são atravessadas pelas violências de gênero e raça, simultaneamente. A reportagem será separada em três partes como referência aos três trimestres de gestação e apresentarei quais são as violências que essas mulheres sofrem em cada etapa.

Assim gostaria de solicitar o orçamento de **4 ilustrações digitais coloridas** sem tamanho específico (não sei bem se você precisa dessa informação) para até o dia **03 de maio**. Uma ilustração será usada para a capa da reportagem e as demais estarão no meio da reportagem.

Apesar dessa ser uma pauta sobre violência, não quero que as ilustrações remetam somente sofrimento, quero que simbolizem também a união de mulheres pretas e mães na luta contra essas violências.

Penso que a ilustração de capa deve ser **5 mulheres negras** (com diferentes características fenotípicas como cor da pele, tamanho corporal e traços).

- **2 mulheres em diferentes estágios de gestação ao centro, uma de costas para a outra com as mãos dadas, uma mulher com um bebê amamentando e 2 mulheres sem gestação** (simulando mulheres que podem ter perdido o bebê ou que não desejam engravidar).

Yeda Teixeira -yeteixeira04@gmail.com>
para Bianca

5 de abr. de 2021 18:12

Oi, Bianca. Tudo bem por aqui.

Perdão pela demora, tirei uns dias de descanso.

Bom, infelizmente esse valor está fora do meu orçamento. Como eu nunca encomendei ilustração digital, também não estava situada no valor que precisaria investir hehe.

Atualmente eu consigo pagar para as ilustrações do TCC R\$ 650,00. Por esse valor, você aceitaria reduzir para **duas ilustrações**, sendo uma a ilustração de capa e a outra com uma mulher grávida (como descrevi aqui: **com elementos que remetem a negritude, gênero, maternidade e brasilidades**.)?

Aguardo o retorno.
Um abraço.

Figura 1: acervo pessoal

Com as ilustrações em mãos, pude organizar para que se intercalassem na diagramação do site e complementassem a ideia de gestação e ancestralidade. As versões finais e utilizadas por mim estão na figura (2).



Figura 2: acervo pessoal

4 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Entendo que a maior dificuldade enfrentada por mim foi permanecer dentro dos aprendizados do jornalismo. Me questionei diversas vezes sobre como seria possível manter a objetividade e imparcialidade, temas de reflexão ao longo do curso. Fazendo uso desse espaço, gostaria de compartilhar uma série de ideias e pensamentos que me surgiram no decorrer da produção deste trabalho.

Ao ler sobre o conceito de racismo institucional no livro “Racismo Estrutural”, do teórico e professor Silvio de Almeida (2019), não pude deixar de questionar: a serviço de quais grupos dominantes o jornalismo atua? Aprendemos na graduação que o leitor é o interessado e o destinatário, mas sob quais perspectivas o jornalismo noticia e debate o racismo? E mais: quais estruturas são beneficiadas pelo discurso da imparcialidade e objetividade, sendo esses atributos majoritariamente debatidos e construídos por pessoas brancas?

Partindo disso, tive um único pensamento: o jornalismo negro precisa se estruturar e ser ensinado nas universidades brasileiras. Foram poucas as oportunidades que tive de conhecer o jornalismo feito por e para pessoas negras. A minha orientadora, Leslie Sedrez Chaves, teve importante atuação no meu envolvimento com o eixo jornalismo e raça.

Ao escutar e decupar entrevistas em que mulheres negras relatavam as violências sofridas por serem mães e negras, deparei-me com um limite humano. Diante de tantas desigualdades e violências, reafirmo: não era possível permanecer no campo da objetividade e imparcialidade. Esses lugares não comportam a ira do fato de que somos violentados antes mesmo de nascer.

Carregando estes conflitos, percebi que não conseguiria escrever uma reportagem em tom literário, como idealizei a princípio. Vi que, ao inserir o tema em um modelo que permite mais liberdade de expressão por parte de jornalistas, não seria capaz de impedir que minha raiva, angústia e revolta passassem para o texto, formato no qual decidi trabalhar a reportagem.

As inseguranças sobre o que é considerado jornalismo me atravessaram durante todo o percurso de escrita. Iniciei o trabalho disposta a cercar quaisquer questionamentos pudessem surgir sobre a minha forma de escrever, entrevistar ou buscar os dados. Ao longo da produção vi que isso não seria possível, dado o meu tempo de experiência e recursos pessoais - diria

também uma limitação humana. Decidi então jogar no “seguro”, esse espaço em que considero que os dados e entrevistas dão conta de justificar minhas escolhas de relatar A ou B.

Escrevendo esse último parágrafo pensei: “bom, isso é o jornalismo”. Por quê então tanto medo da minha parte de usar a palavra **racismo** na reportagem? Na tentativa de encontrar uma resposta para essa dúvida, resgatei o projeto de pesquisa que construí junto com a estudante e amiga, Maria Heloísa Vieira, para a disciplina de Metodologia e Técnicas de Pesquisa em Jornalismo, no sexto semestre de graduação. Nessa disciplina, nos propusemos a pensar como o racismo estrutural se manifesta nas notícias sobre tráfico de drogas no Rio de Janeiro. O tema surgiu por uma percepção comum à pessoas negras de que, enquanto negros são representados como traficante, usuário ou menor, pessoas brancas são livradas do peso desses nomes, sendo referidas como fornecedor de drogas, estudante ou até mesmo jovem.

Mesmo não tendo sido concluída essa pesquisa, nos deparamos com uma realidade: não era muito difícil notar que o racismo estava presente no jornalismo. O receio desse fato ser justificado com a discriminação racial em nível individual é sanado com a teoria de racismo estrutural: as normas e condutas sociais refletem em âmbitos tão extensos da nossa vivência como sociedade que seria impossível não atingir o jornalismo.

Quanto à reportagem, cheguei a uma encruzilhada com uma árdua decisão pessoal. Fiquei de frente à escolha de utilizar os recursos que já havia aprendido ou, na reta final da graduação, ousar contestar as regras que me foram ensinadas. Decidi seguir as regras. Afinal, penso que neste momento não seria possível, emocional e tecnicamente, enfrentar tais estruturas. Assim, concluo que as minhas maiores dificuldades se resumiram ao tema central desta reportagem: o racismo. O mesmo racismo que me afeta por ser quem sou, o mesmo racismo que violenta minhas entrevistadas por serem quem são. O jornalismo dá conta disso?

5 RECURSOS E ORÇAMENTO

Item	Descrição	Valor
Equipamento	Notebook	De posse da autora
Ilustração	Ilustração profissional para reportagem	650,00
Site	Plataforma Wix	Versão gratuita
Total		650,00

REFERÊNCIAS

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. PATRIARCALISMO E O FEMINISMO:: uma retrospectiva histórica. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 1, n. 9, p. 64-73, dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2363/2095> . Acesso em: 28 out. 2020.

CANAVILHAS, José Messias. **WebJornalismo: Considerações Gerais Sobre Jornalismo na Web**. Portugal, Universidade da Beira Interior, 1999. Apresentação no I Congresso Ibérico de Comunicação.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª ed., Boitempo, São Paulo, 2016

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**:: para uma teoria marxista do jornalismo.. 1987. 276 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987. Disponível em: www.repositorio.ufsc.br ; Acesso em: 27 out. 2020.

FERREIRA, Vitoria de Miranda. **Mãe Preta: estudo sobre o índice de violência obstétrica entre as mulheres negras**. X Copene, Uberlândia, p. 1-14, out. 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1532453580_ARQUIVO_CopeneMG.pdf Acesso em: 05 mar. 2021.

LANSKY, Sônia; SOUZA, Kleyde Ventura de; PEIXOTO, Eliane Rezende de Moraes; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson; DINIZ, Carmen Simone Grilo; VIEIRA, Nayara Figueiredo; CUNHA, Rosiane de Oliveira; FRICHE, Amélia Augusta de Lima. **Violência obstétrica: influência da exposição sentidos do nascer na vivência das gestantes**. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 24, n. 8, p. 2811-2824, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>.

SILVA NN, FAVACHO VBC, BOSKA GA, ANDRADE EC, MERCES NP, OLIVEIRA MAF. **Access of the black population to health services: integrative review**. *Rev Bras Enferm*. 2020;73(4):e20180834. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0834>

STEERING COMMITTEE HERA (Estados Unidos). **Women's Sexual and Reproductive Rights and Health**. **Health Coalition**. New York, p. 01-40. jun. 2017. Disponível em:

<https://31u5ac2nrwj6247cya153vw9-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/1998/01/HERA-Action-Sheets.pdf> . Acesso em: 19 out. 2020.

ANEXO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Yeda de Oliveira Alves Teixeira, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16202326, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Antes mesmo de nascer** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 14 de setembro de 2021



Documento assinado digitalmente
Yeda de Oliveira Alves Teixeira
Data: 14/09/2021 23:12:10-0300
CPF: 386.920.758-25
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Assinatura